

JOSÉ AMARAL FERNANDES FILHO

ARCOS, BENÇÃOS E ARCABUZES:  
A IMPLANTAÇÃO DO PROJETO COLONIAL PORTUGUES NA CAPITANIA  
ESPÍRITO SANTO

Monografia de bacharelado apresentada ao Depar  
de História do Instituto de Ciências Humanas e Sc  
Universidade Federal de Ouro Preto, sob orient  
Prof. Dr. Ângelo Alves Carrara.

MARIANA  
2000

Para:  
Amaral, Lurdinha,  
Arthur, Mara e  
Tatiane.

## AGRADECIMENTOS

Talvez seja esta uma das tarefas mais árduas que nos cabe ao fim de cada conquista. Árdua, não por haver dificuldades em agradecer. Mas por ser necessário dar nome e forma humana a esses agradecimentos. E, por ser também humano, peço desculpas aos que aqui não virem seu nome.

Em primeiro lugar, agradeço a aqueles que estiveram ao meu lado nesses anos de academia e sofreram todas as dificuldades de viver em uma República Estudantil. Aos moitanos: Aiída, Eliazar, Lucas, Valter, Alisson Rodrigues, Merielie, Tatiana, Adailton Moreira, Djalma, Francisco, Ventura, Mariluce, Úmero por terem me suportado tantos anos morando junto a vocês. A Cláudio, Marlio (Urtega) e Eduardo, que além de amigos foram também grandes colaboradores para este trabalho.

A quem me possibilitou em primeira mão a vinda para Ouro Preto: Marcelo, Lalado, Filinha, Raquel, Patrícia e Marcela, meus pais e irmãos de Ouro Preto.

A Paulo e Bruno, amigos de doces sonhos e grandes realizações, valeu por tudo.

A meus tios, em especial a Maria José, que mesmo distantes tantas coisas me possibilitaram.

Aos meus alunos e colegas professores da rede pública, durante todos os anos de batalha pela sobrevivência. Vocês muito me ensinaram.

Agradeço ainda aos funcionários (que funcionam) da UFOP, principalmente ao Mário, sempre me dando uma força nas horas difíceis.

A meu orientador, Angelo Alves Carrara, por ter me mostrado os caminhos.

Aos professores: Aldo, Crisoston, Celso, Dulce (que tanto me ajudou), Margareth, Dona Hebe e Villalta exemplos de profissionalismo e humanidade.

A Marly, Lucília e Mário Heringer, sempre preocupados com meu desempenho acadêmico.

Cristina.Coelho, grande restauradora, pelos toques sobre arquitetura colonial no Espírito Santo. Ao professor Elias Rodrigues e Dona Silvia da Casa da Cultura de Anchieta-ES.

Gerson, Andréa e Barbara, grandes amigos.

Dr. Fabiano e Dr. Ayrton pela ajuda na hora de dificuldades.

Aos companheiros da Casa do Pilar

E a todos os que se preocupam em preservar a memória histórica e usá-la para o melhor futuro da vida.

## SUMÁRIO

<b>Introdução</b> .....	6
<b>Capítulo 1.0</b> Os primórdios da colonização.....	10
<b>Capítulo 2.0</b> As bênçãos.....	15
<b>Capítulo 3.0</b> Os arcos.....	23
<b>Capítulo 4.0</b> Os arcabuzes.....	29
<b>Conclusão</b> .....	36
Anexos.....	39
Bibliografia.....	48

## INTRODUÇÃO

Este trabalho tem por objetivo, abordar as formas de dominação utilizadas no processo colonizador da Capitania do Espírito Santo- Parto da hipótese de ser nesta Capitania que se dá a primeira manifestação de fracasso do projeto colonizador adotado por Portugal nas terras do Brasil. Muitas são as causas atribuídas pelos historiadores a este insucesso. Mas, certamente há ainda poucas evidências em que possamos nos apoiar para afirmar com mais clareza algo a respeito. Neste trabalho, defendo que o fracasso português no Espírito Santo se dá por uma série de fatores, políticos, económicos e religiosos, que, aliados a grande resistência indígena encontrada, principalmente no norte da Capitania, na região do rio Doce limites com a de Porto Seguro, habitada pelos temidos índios Botocudos que, provavelmente migrados do Brasil central, fugindo de conflitos com outras tribos, estabeleceram nesta região seu domínio, resistindo até o total extermínio à dominação portuguesa<sup>1</sup>. Para realizar esta análise no processo colonizador da Capitania do Espírito Santo tomei como fontes, textos de cartas jesuíticas dos primeiros missionários a chegarem a esta costa do Brasil, mapas onde seus limites com sua vizinha Porto Seguro são constantemente alterados, relatos de viajantes que por estas terras passaram, principalmente no século XVIII, e documentos dos séculos XVI, XVII e XVIII. Me limito a um recorte temporal estabelecido entre os anos de 1534 no qual se dá início a seu processo colonizador, a 1719 quando esta deixa de ser donatária e passa a ser Capitania Real, tendo sua administração como responsabilidade da coroa portuguesa- Chamo a atenção para o fato de ser mencionado neste trabalho evidencias e documentos posteriores a este recorte mas que são determinantes à compreensão do mesmo.

---

<sup>1</sup> "No caso Macro-Jê (incluindo Kamakã, Maxacali, Bodocudo, Pataxó, Purí, Kariri, Ofaié, Jeikó, Rikbaktsá, Guató e, possivelmente Bororo e Funiô), trata-se de relações mais distantes, datando provavelmente de uns 5 ou 6 mil anos peio menos. (...) Toda a rede de línguas geneticamente filiadas ao tronco Macro-jê está

A Capitania do Espírito Santo, segundo Anchieta, um de seus maiores conhecedores nos primórdios de sua colonização, era "a terra mais acomodada e aparelhada para a conversão que há em toda costa, por haver ainda muito gentio e não tão escandalizado dos portugueses".

Doada a Vasco Fernandes Coutinho, em 1534, foi até o século XVII uma das mais prósperas do Novo Mundo português. Segundo Gândavo, o Espírito Santo foi o principal defensor do Rio de Janeiro em sua tomada pelos franceses.<sup>3</sup>

Pode-se afirmar que a Capitania do Espírito Santo foi o grande marco do sucesso dos padres da Companhia de Jesus nas terras do Brasil, dado a quase que total dominação que estes exerceram sobre estas terras. A maior parte da produção que abastecia a Capitania saía das fazendas jesuíticas, bem como a mão de obra utilizada em sua defesa contra os invasores, nas edificações de igrejas, prédios públicos e fortalezas que pela falta de escravos negros era em sua maioria composta por índios aldeados pelos padres e que eram convocados ao trabalho pela coroa. São nos períodos de convocação do gentio para estes tipos de trabalho que se darão a maior parte das revoltas contra a dominação portuguesa.

A associação de todos estes elementos vão ser então de fundamental importância para a estagnação vivida pela Capitania do Espírito Santo desde o princípio de sua colonização até os dias atuais. A falta de documentação produzida sobre esta parte do Brasil, que ficou por grande parte de sua existência relegada a barreira natural para impedir que invasores penetrassem nas Minas, causará uma série de contratemplos e controvérsias sobre toda Historiografia produzida sobre esta Capitania.

---

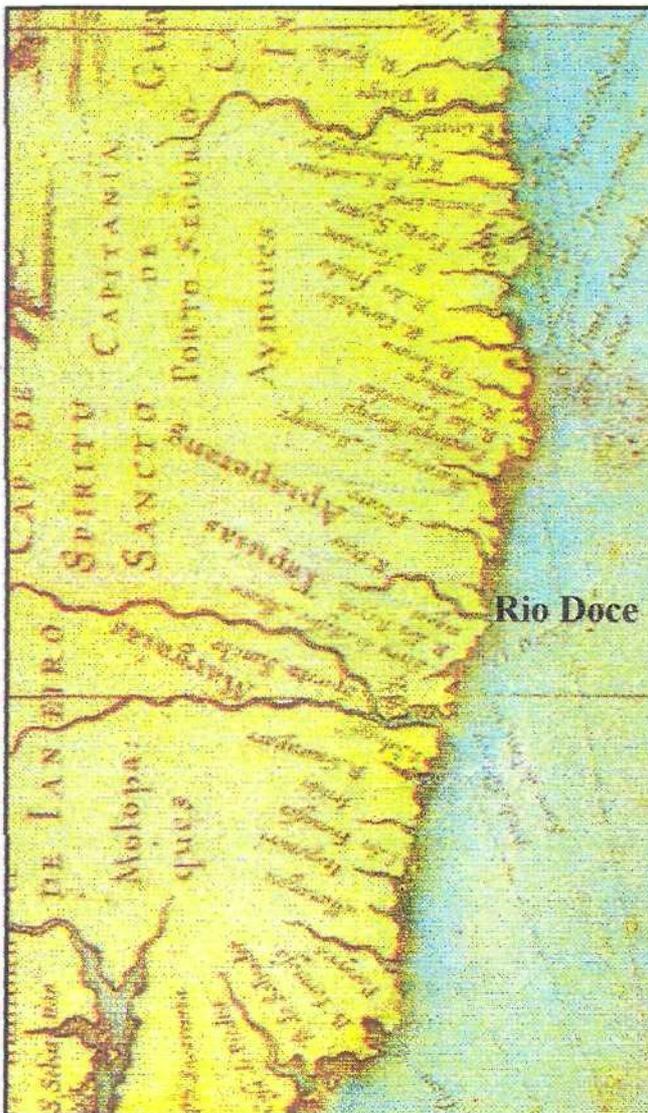
concentrada na parte oriental e central do planalto brasileiro” URBAN, (p. 90).

<sup>2</sup>Anchieta. 427

<sup>3</sup> " E quando se tomou a fortaleza do Rio de Janeiro desta mesma capitania do Sprito Santo sustentarão toda e proverão sempre de mantimentos necessários enquanto estiveram na terra os que defendião."( Gandavo p. 38).

Fato também de grande destaque a ser aqui comentado, será o surgimento da então primeira miscigenação que há nos novos domínios portugueses de Além Mar entre os colonos europeus e índios 'brasis, que darão origem a primeira linhagem de brasileiros quinhentistas, os mamalucos, que serão durante o período colonial uma séria ameaça a dominação portuguesa, jesuítica e a organização gentílica, por estarem fora de todo o contexto social e racial que regia as relações estabelecidas neste período nos novos domínios.

Tratarei neste trabalho apenas da região compreendida entre os rios Itabapoana e



Mapa da costa do Brasil desenhado na Holanda por Henricus Hondius onde podemos observar o rio Doce, limite norte com a Capitania de Porto Seguro. Não aparece neste mapa o rio Itabapoana, que faz a divisa com a Capitania do Rio de Janeiro ao sul.

Doce, antigos limites da Capitania em seu período colonial. Às demais regiões, situadas ao norte desta Capitania, como posso citar a vila de São Mateus, criada em 1764, um dos principais pólos de colonização do Espírito Santo só passa a integrar esta Capitania em 1823, até então pertencia a Capitania de Porto Seguro. A inclusão destas regiões tomaria muito denso este que se propõe a ser uma monografia de bacharelado, ficando então para ser discutido em outra ocasião em um trabalho de análises mais profundas e maiores pesquisas de campo.

## 1.0 Os PRIMÓRDIOS DA COLONIZAÇÃO

Localizada em uma região estratégica para a coroa portuguesa, a Capitania do Espírito Santo principia seu processo colonizador no ano de 1534 por seu donatário, Vasco Fernandes Coutinho, fidalgo português que havia recebido esta em recompensa aos feitos realizados por ele em campanhas na África e nas índias<sup>2</sup>. Este não teve o sucesso desejado em sua empresa por ser menos administrador que vassalo. Em sua companhia, vieram dois fidalgos de elevada nobreza, cujos escrúpulos não podem ser considerados assim tão elevados. Um deles era Dom Jorge de Menezes, capitão de Moluco degredado para o Brasil como pena pelo assassinio de Gaspar Pereira, capitão da fortaleza desta mesma província. Este foi morto em combate contra o gentio sublevado nesta Capitania. O segundo era Dom Simão de Castelo Branco, nobre cuja fidalguia é questionável. Este seria então uma espécie mais de mercenário que de vassalo. Serviu ao rei de Castela, Carlos V, que era a maior ameaça a autonomia do reino de Portugal, por desavenças com Dom João III. Este teria sucumbido também em combate com o gentio revoltado. A falta de competência administrativa, por parte de Vasco Fernandes Coutinho e de seus auxiliares, que, eram em sua maioria homens de baixa estirpe e nenhuma nobreza, fará com que-este-não consiga então conter as revoltas dos nativos. Ele porá o que pode ser considerado, segundo Gândavo, o celeiro do Brasil Colonial do século XVI, em estado de ruína total. A estas faltas de Vasco Fernandes, atribui Pedro Azevedo as dificuldades em dirigir o gentio e ao uso do fumo do tabaco<sup>3</sup>, o que nos leva a crer em uma assimilação por parte deste de alguns costumes gentílicos dos brasis, o que pode ser comprovado por sua amizade com Marayacangaçú, o Gato Grande, cacique dos Maracayá, a quem convenceu migrar do Rio de

---

<sup>2</sup> ver anexo 01.

janeiro para o Espírito Santo com toda sua tribo. Ao Grande Gato e sua família, além de doar terras para a formação da nova aldeia, emprestou então Vasco Fernandes o seu nome e o de seus familiares.

Morto em 1561 Vasco Fernandes Coutinho, o governo da Capitania passa a seu filho de mesmo nome, Vasco Fernandes Coutinho que a governa até 1585 sem deixar sucessor. No ano de 1561, o mesmo da morte de Vasco Fernandes, é criada a vila de Nossa Senhora da Vitória, que se toma a capital da Capitania por oferecer mais segurança contra os constantes ataques dos gentios Goytacaz.



Mapa da ilha de Nossa Senhora da Vitória do ano de 1764. Por este podemos perceber a ação dos aterros aos quais a ilha foi

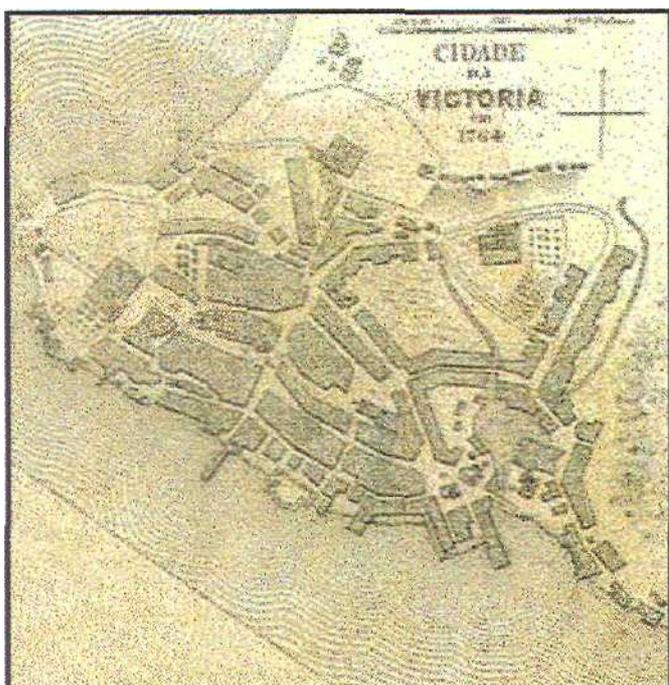
Submetida ao íongo  
de sua história.

Dona Luiza Grimaldi, esposa do primeiro donatário, assume então o governo junto com seu capitão mor Miguel de Azeredo que a governa até 1593. Após uma série de negociações, nas quais se envolve diretamente o próprio Anchieta, após indícios de fraudes nas

---

<sup>3</sup> "A dificuldade estava em dirigi-los e neste ponto é que faltava capacidade a Vasco Fernandes, que nem mesmo pode resistir às delícias do uso do fumo do tabaco, empregado já pelos índios brasis na sua terapêutica e nos seus ritos gentílicos em doses concentradas. (Azevedo, p. 202).

eleições para capitão mor<sup>4</sup>, a Capitania passa ao governo de Francisco Gil de Araújo, que será seu último governador enquanto Capitania hereditária, pois, em 1718, após a morte de Francisco Gil de Araújo, a mesma é comprada de seu herdeiro, Cosme de Moura Roíin, que não chega a assumir seu governo, por D. João V, passando a ser a partir de então Capitania



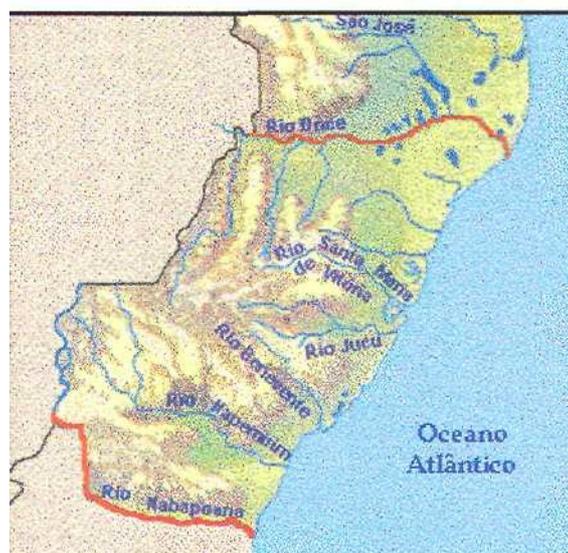
Mapa da ilha da Vitória do ano de 1764.

real- O mesmo ocorreu em 1759 com a Capitania de Porto Seguro- Tais compras de Capitânicas em locais tão estratégicos podem ter um único motivo, a descoberta do ouro nas Minas, pois houve uma tentativa de anexação da Capitania do Espírito Santo à Coroa em 1711, quando os ânimos começavam a se exaltar em Vila Rica pelo controle das Minas. Estando em poder da Coroa Portuguesa, esta poderia sem maiores constrangimentos, utilizar estas duas pequenas e problemáticas Capitânicas como uma defesa natural para as

---

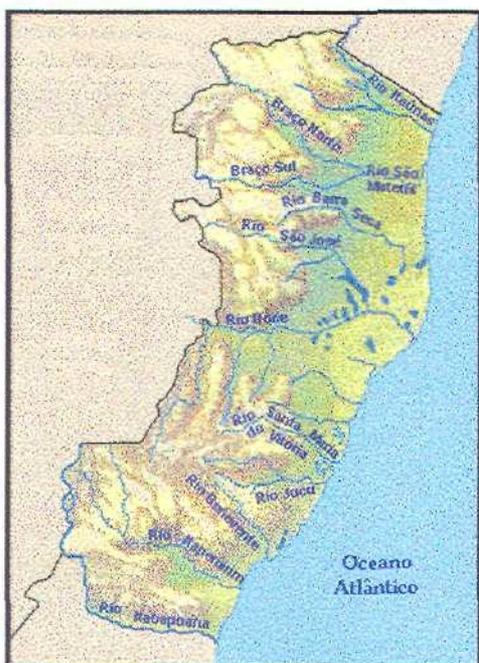
<sup>4</sup> As embrulhadas da eleição que lá houve andam agora na forja. Espero que tudo sairá acabado e apagado, e não se procederá na Devassa, que lá se tirou, porque a todos os letrados e ao próprio ouvidor geral lhes pareceu bem e ajudam nisso, e o Senhor Governador, que é muito amigo de pacificar o povo, já tem dito que assim será. A petição fiz eu de minha letra com ajuda do mesmo ouvidor geral: lá a tem pêra despachar. Eu dizia que se podia lá dar largueza a Rodrigo Garcia e aos mais que por acaso tivessem alguma provisão, ou embaraço, porque tudo se há de consumir aqui e pêra isso irão provisões como espero de certeza. (Anchieta, p. ).

recém descobertas Minas do Ouro, pois eram o acesso mais fácil a estas, por ser o rio Doce navegável e por oferecer Vitória um bom porto. Este talvez seja o momento em que mais servirão aos interesses da Coroa as hostilidades encontradas nesta região, que até então eram tidas como enclave à sua colonização. A ferocidade do gentio Botocudo que habitava a região do vale do rio Doce, passa a ser a partir de agora um fator de garantia da segurança das Minas. Como consequência de tais aquisições, temos também o desaparecimento dos limites naturais entre ambas, que até 1718 segundo as fontes era o rio



As linhas em vermelho indicam os antigos limites da capitania do Espírito Santo com as Capitânicas de Porto Seguro ao norte e Rio de Janeiro ao sul.

Doce<sup>5</sup>. Somente com a criação da vila de São Mateus, esta questão será novamente levantada, principalmente quando esta vila é tomada por forças enviadas de Vitória, que aí chegando não encontram resistência alguma. A vila de São Mateus



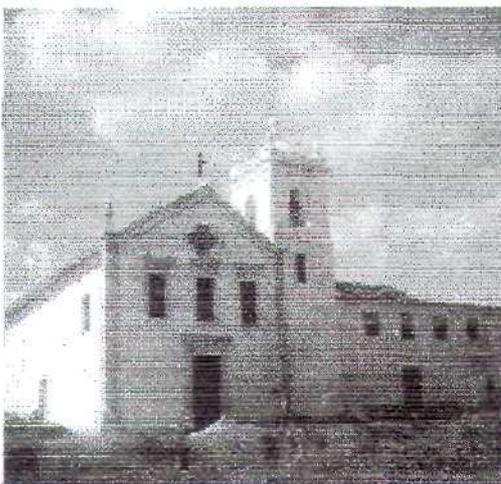
Mapa hidrográfico do Espírito Santo

<sup>4</sup> "no famoso mapa do Brasil dividido em Capitânicas, representando os quadriláteros de nove delas, o paralelo que extrema as de Porto Seguro e o Espírito Santo é precisamente o da foz do Rio Doce (fls. 2339). Em 1642, João Teixeira, em mapa integrante de seu autorizado livro **Descrição de toda a costa da Província de Sta. Cruz, a que vulgarmente chamam Brasil**, anotou, ainda na foz do Rio Doce: 'Rio Doce onde acaba a Capitania do Espírito Santo e começa a de Porto Seguro' (fls. 2342 e 2356). Outro mapa semelhante ao de João Teixeira, contem no mesmo ponto e quase nos mesmos termos idêntica indicação. A **Razão do Estado do Brasil**, de 1612 tratou da 'demonstração da Capitania do Espírito Santo, até a ponta da barra do Rio Doce, na qual parte como Porto Seguro. Na descrição do 'mapa topográfico de Porto Seguro', feita por José Marcelino da Cunha, consta que a Comarca de Porto Seguro, se limitava ao sul com a Capitania do Espírito Santo pelo Rio Doce". (Bessone, p. 155).

só foi incorporada definitivamente ao Espírito Santo em 1823. após sua elevação a província em 1810 quando de sua independência<sup>6</sup>.

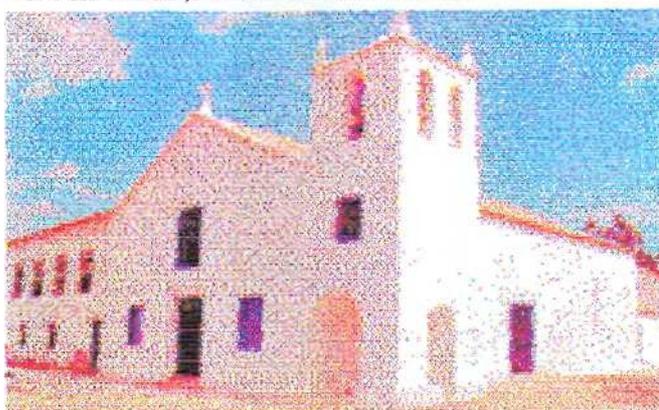
<sup>6</sup>"Em 1823, no tempo da luta da independência, justamente quando a Bahia se deixava sangrar pela emancipação de todo o País, levando até o sacrifício o seu patriotismo, prevaleceu em São Mateus o alvitre pusilânime ou político de aderir às manifestações da Independência, dirigindo-se ao Governo do Espírito Santo, o que até certo ponto se compreende, atendo-se a situação em que se achava a Bahia, flagelada pela guerra, invertida como se achava a ordem ou marcha regular do seu Governo: pois o General Madeira se mantinha apenas na capital, onde estava bloqueado, e os guerrilheiros patriotas do Recôncavo sustentavam a campanha, tendo relações, as vezes difícilimas, tanto com o 'este de todo o território da província, como com o Governo do Rio de Janeiro e com o Almirante Pochrane que dominava o mar' (Braz do Amaral. Bahia - Espírito Santo, limites entre dois Estados. IN. **Revista do Instituto Histórico e Geográfico da Bahia**, 1905, vol. II, p. 81).

## 2.0 AS BÊNÇÃOS



Igreja de Reis Magos. Principal aldeamento ao norte de Vitória

Igreja de Nossa Senhora da Assunção, antigo aldeamento de Reritiba. Marco jesuítico ao sul de Vitória



De fundamental importância, será a presença da Companhia de Jesus nesta região, principalmente nos primórdios de sua colonização, quando estes estabelecem seu quase que total domínio, tanto econômico quanto social, catequizando, aldeando e explorando enquanto mão de obra, o gentio que aqui vivia e trazendo ainda mais do sertão a fim de serem ajuntados nos grandes aldeamentos, para o ganho de Cristo, aliás estes aldeamentos são a grande marca da presença dos jesuítas no Brasil O primeiro padre a chegar a Capitania é o padre Braz Lourenço, no ano de 1551, que já põe em prática as ações estratégicas da Companhia para a conversão do gentio. A prática convinha em constituir grandes aldeias ao longo da costa, onde estes gentios eram ajuntados. O projeto de

aldeamento criado pelos padres da Companhia no Espírito Santo, será copiado mais tarde pelas missões guaranis no sul do Brasil, o que também

não impedirá o extermínio destes índios Guaranis, assim como também não impediu o dos selvagens Botocudos e Goytacazez que habitavam o território capixaba<sup>7</sup>.

Nos limiares do sertão eram estabelecidas reduções, que os padres visitavam

constantemente. A notícia dos grandes aldeamentos promovidos pelos jesuítas toma corpo e se espalha sertão à dentro. Várias tribos migraram então para estes aldeamentos, tornando ainda menos possível a expansão dos desejos dos colonos portugueses, interessados, antes de tudo, na escravização do gentio, para lhes servirem enquanto mão de obra em sua empresa desbravadora. Grande exemplo desta migração é a da tribo dos Temiminós, ou Maracayas, que partem do Rio de Janeiro onde se encontravam em guerra com os Tamoyos, para o Espírito Santo. Outra tribo também migrada do sertão, sob o comando de um cacique chamado Pirá-obig, Peixe Verde, estabelece-se formando outra aldeia. Também de Porto Seguro Vieram alguns Tupinanquins. Outro grande exemplo desta migração que para cá ocorre é presença dos Botocudos ao norte da Capitania, que se espalham também pelas de Porto Seguro, Ilhéus e até a Bahia.

Várias obras foram executadas pelos padres da companhia nesta Capitania, suas grandes fazendas careciam de infraestrutura para que pudessem funcionar a pleno vapor e impor sua presença e força, tanto ao gentio quanto aos colonos. Serão construídos uma série de canais, dos quais o mais famoso e único que pode ser localizado, devido a perda de informações sobre a localização exata dos outros, que pode ter sido ocasionada por um incêndio no colégio dos jesuítas em Vitória no ano de 1749, é canal do jesuítas, que é conhecido hoje como rio Marinho. Este canal tem seu início no rio Jucú, que cortava a fazenda

---

<sup>7</sup> " a -aldeia de. Nossa Senhora ou aldeia de Santa Maria de Guaraparim foi residência estável dos Padres até fins do século XVI, quando nesse período sobreveio, por um lado, a ordem interna da Companhia exigindo que em cada aldeia houvesse quatro religiosos e por outro, a expansão missionária ao norte e ao sul do Brasil, nas regiões que ambas tem o nome de Rio Grande." LEITE, p. 144.

de Araçatuba, possuidora de engenhos e conhecida como uma das maiores pertencentes aos padres nesta Capitania, e tinha como seu destino a baía de Vitória. Possuía aproximadamente duas léguas de extensão (12Kms) e tinha como principal finalidade o escoamento da produção desta fazenda até a ilha da Vitória. Por este canal era possível escapar aos desconfortes e perigos proporcionados pelo trajeto terrestre. Este era para Saint-Hillaire "...o primeiro canal que, quanto conheço existe na costa do Brasil Meridional."<sup>8</sup>. As Fazendas foram constituídas no intuito de abastecer as casas e colégios da Companhia de Jesus, mas acabaram sendo as responsáveis pelo abastecimento não só destes

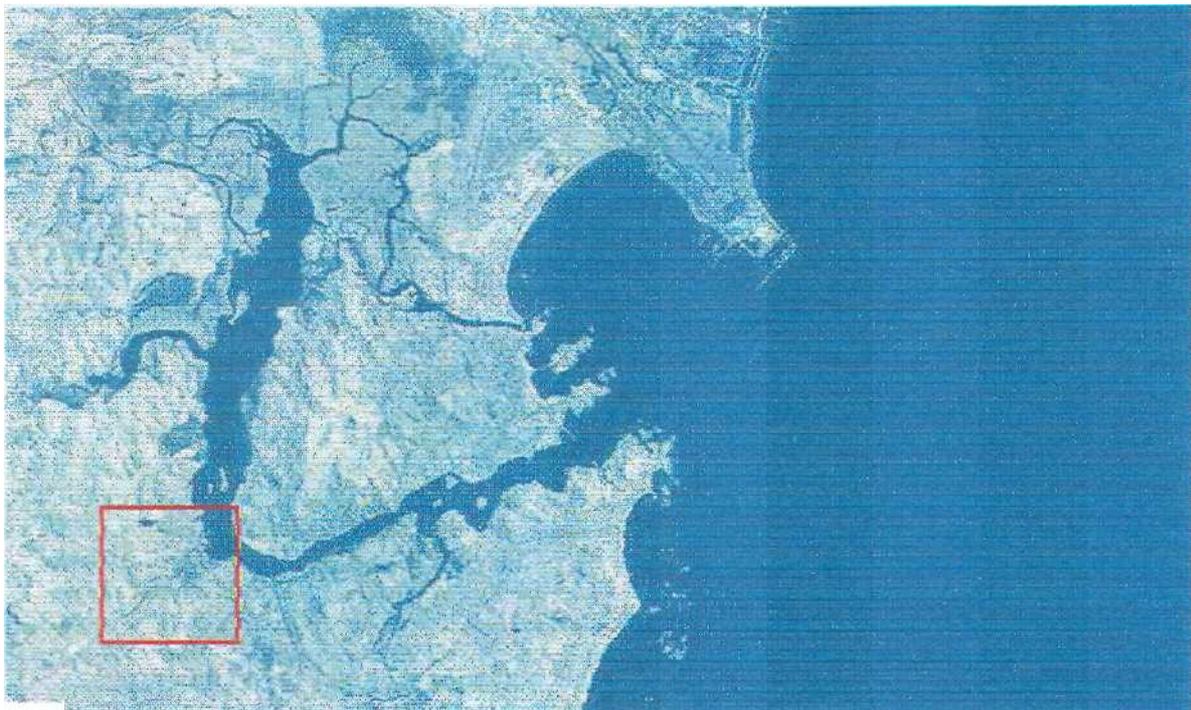
O Canal dos Jesuítas faria a ligação da Fazenda de Araçatiba até a baía de Vitória, facilitando o escoamento da produção para o Colégio da capital.



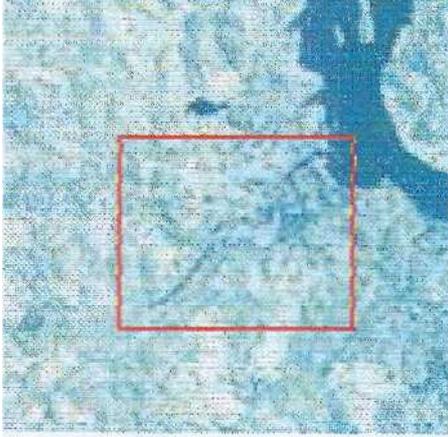
Foto atual da entrada do Canal dos Jesuítas



Foto atual do canal dos jesuítas



Pelas fotografias tiradas por satélites o Canal dos Jesuítas pode ser observado com mais clareza, mesmo se encontrando hoje em grande descuido. Mas, o mesmo continua sendo utilizado principalmente por pescadores com pequenas embarcações. Este canal é um grande marco, talvez um dos mais significativos, da presença do padre da Companhia de Jesus na Capitania do Espírito Santo.



<sup>10</sup> SAINT-HILAIRE. p.10.

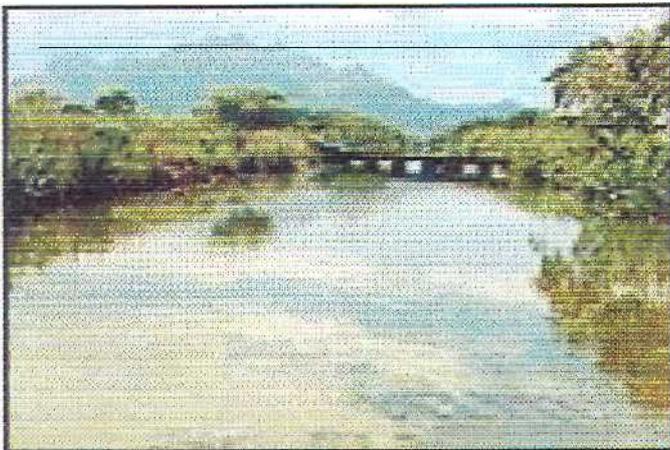


Foto atual do Canal dos Jesuítas onde pode ser observada ao fundo uma de suas pontes.

mas de toa a Capitania. Estas fazendas eram organizadas de acordo com as necessidades dos padres, e a estes cabia definir todo o destino das terras ocupadas, se seriam cultivadas, com quais culturas, se seriam pastoreadas, se tenam engenhos. Eram as seguintes as fazendas pertencentes a Companhia na Capitania do Espírito Santo: Carapina, localizada nas proximidades da ilha da Vitória que possuía engenho que fora desativado e sua produção



Região do sul do Espírito Santo onde estaria localizada a Fazenda de Muribeca

passou a ser de legumes e frutas e era também usada como casa de repouso. Foi doada a Companhia em 1644 e deixou de pertencer aos jesuítas antes mesmo de sua expulsão do Brasil por Pombal. Para substituí-la foi criada em 1739 a Fazenda de Itapoca, cujo produto principal

era a farinha de mandioca. Araçatiba era a responsável pela produção de açúcar. Esta localizava-se onde é hoje o município de Viana e ainda podem ser vistas suas ruínas. Além de engenho possuía também olaria e produzia também aguardente, melado e mel. Tinha esta fazenda um número de 852 servos entre escravos e livres. Esta fazenda ainda possuía sete datas de terra que eram Araçatiba, jucú que se dividia em duas, jucuna, Camboapina, Palmeiras e Ponta da Fruta. Possuíam os jesuítas, a maior fazenda de criação de gado, a Fazenda de Muribeca, na vila de Itapimirim, fundada em meados do século XVII e que concentrava toda a administração das fazendas localizadas ao sul de Vitória;, além de várias outras, onde terá destaque a produção de farinha de mandioca. A Fazenda de Muribeca era a responsável pelo abastecimento de carne de todo o colégio de Vitória e segundo Serafim Leite "já em 1694 dispunha de grande casa e igreja, e havia em seus campos 1639 cabeças de gado". Esta fazenda estava situada em uma sítio de grande fertilidade banhado pelos rios Muriaé, Paraíba e Itabapoana e pelo mar.

O processo de dominação que exerceram os padres jesuítas nos primórdios da colonização da Capitania do Espírito Santo, não se diferenciara muito do patrocinado pelos colonos europeus que vieram ao Novo Mundo com um intuito de transformá-lo num espelho de sua Europa, onde poderiam ser corrigidas todas as anomalias que até então assolavam este continente. Falo aqui da presença moura e judia, que muito influenciaram com suas ciências, religião e arquitetura. Os padres impuseram ao gentio leis tão cruéis como as quais estariam submetidos se nas mãos dos portugueses, só que aqui mais ameaçadoras por estarem sendo impostas não por simples homens, mas por representantes de um deus na terra. Em carta de comissão do padre Bráz Lourenço da Capitania do Espírito Santo ao padre Dr. Torres em Portugal podemos observar com que modos eram tratados pelos padres os gentios nos aldeamentos aos tempos em que eram suas ratas de responsabilidade do padre Fahiano de Lucena "...porque para isto lhe deu Nosso Senhor muito bom talento"

Podemos observar pelos relatos acima, a forma de organização adotada pelos padres em seus aldeamentos e reduções. Havia toda uma escala hierárquica e diferenciadas funções distribuídas de acordo com a confiança tida pelos padres aos nativos a serem empossados em tais cargos, o que nos faz lembrar a distribuição de favores feitos pela coroa portuguesa aos seus vassallos por serviços prestados. Muitos desses, receberam como favores um quinhão do Novo Mundo, e para isso necessitavam mão de obra, o que na América havia bastante, desde que houvesse para isso permissão dos padres, que detinham quase um monopólio sobre os gentios da terra do Brasil. Aos que não se submetessem às suas leis era declarada a "Guerra Justa" e os prisioneiros capturados nesta guerra poderiam ser escravizados, pois assim determinava a bula papal. A Guerra justa, foi sem dúvida, uma das mais eficazes armas criadas pelos colonizadores para poderem suprir sua falta de mão de obra. Esta só podia ser declarada desde que houvesse uma intenção justa para tal. Mas, a justiça aqui segue os modelos europeus bem como sua postura de só servir a um interesse: o de quem a cria. Para ser declarada, os

*gentios* que seriam combatidos deveriam ter cometido delitos como antropofagia e resistência a catequização. Segundo João Adolfo Hansen:

---

<sup>9</sup> "A esta aldeia vai o mesmo padre Fabiano todos os dias haverá dous annos, partindo ante-manhã desta casa em uma almadia, ora contra a maré, ora com chuva e frio, que é um trabalho incomportavel; á qual chegado, vai logo u Indio porteiro pelas casas, apregoando que se não vão fora antes de irem aprender a egreja, onde se ajuntam e lhe faz o Padre a doutrina, ao qual elles tem muita reverencia, e é temido e amado delles; aprendem honestamente as cousas da Fé, vivem apartados dos seus antigos costumes e muitos são já christãos; o seu Principal, a quem os Padres ordenaram que fosse ouvidor é temido e estimado delles; tem alcaide e porteiro; quando algum deve é trazido diante d'elle, e não tendo com. que pague, lhe limita tempo para isto, segundo o devedor: aponta. Têm um tronco em mandam meter os quebrantadores de suas leis, e os castigam conforme os seus delitos. *As Jeis*, ordenaram dlcs, presenie o padre Bráz Loutenço e u língia, desta maneira: o Principal pergintava o castiga que davam por cada um dos delictos; dizendo-lho a língua, elies o aceitavam; somente os casos que incorriam em morte lhe moderou o Padre. E assi vivendo em sua lei nova., acertou uma índia christã casada de fazer adutério; foi aceusado o adutero e condemnado que perdesse todos seus vestidos përa o maòdo da adutera, e foi mettido no tronco, de modo que ficaram tão atemorizados os outros, que não se achou dali por diante fazerem outro adutério; mas si algum pecca, logo é acusado ao Padre, o qual manda que o castiguem." *Cartas avulsas, 1550-1568*, p. 364.

"O núcleo substancia! da doutrina da catequese e da guerra é, no caso, o mesmo que foi exposto por padres e doutores da igreja, como são Terônimo. santo Asostinho. Isidoro de Sevilha e santo Tomás de Acuíno. Entendia como um estado de exceção, a guerra associa-se duplamente a prática catequética dos jesuítas e às práticas de escravização dos colonos. Na catequese jesuítica, ela é uma sanção que só se aplica ao gentio bravo, bárbaro ou a casos individuais de barbárie, como os xamãs tidos por 'feiticeiros'. Como limite manipulável pela cobiça dos colonos, só ocorre com justiça quando são atendidas três condições; causa justa, autoridade legítima de quem a faz e maneira reta de fazê-la. Não é qualquer um que pode começa-la pois só o rei a pode declarar. Como afirma Isidoro de Sevilha, deve haver declaração prévia para que seja justa e quem a empreende deve Ter virtudes cristãs, pois a finalidade do conflito também deve ser virtuosa(...) A dureza da agressão deve ser proporcionai às culpas e aos delitos. (...) Faz-se uma 'guerra justa', enfim, para se obter a paz da justiça e da prática da virtude que teoricamente impedem que os malvados continuem agindo. Neste sentido, o fim de toda 'guerra justa' é a paz do 'bem comum' do reino. Entre as várias causas que tornam uma guerra justa, deve-se lembrar a defesa contra agressões, quando a força é repelida com força. Também é justa quando é feita para se recobrar coisas tomadas injustamente- No caso, entende-se que é legitima não só para recobrar as coisas próprias, mas também as de aliados e amigos. Terceira causa para uma 'guerra justa' é a necessidade de impor o castigo a malfeitores que não foram punidos ou que foram castigados com negligencia(...) em todos os casos, a guerra é justa porque c empreendida cm nome da justiça dos princípios cristãos, cora acontecia nas cruzadas chefiadas pelos reis portugueses no Norte da África(...) a universalidade cristã também implica que a guerra é justa quando realizada: contra os que impedem os missionários de divulgar a fé, caso dos *caraiba tupis*<sup>10</sup>.

A justiça social e divina, a qual os padres jesuítas submeteram o gentios da Capitania do Espírito Santo, acarretou na redução das antigas crenças animistas a cultos diabólicos. Seus antigos deuses representados peia força dos elementos tinham como superior a Tupã, o deus do raio, do trovão, do sol e do fogo, o fogo que nunca apaga, o inferno ião falado e tão temido pelos cristãos. A nova crença imposta aos gentios, não fará de maneira eficiente com que estes se livrem dos grilhões impostos por sua natureza selvagem, aos quais estão ainda muito fortemente atrelados. Mesmo depois de convertidos muitos ainda serão grandes apreciadores de carne humana e cometedores de delitos como o incesto.

---

<sup>10</sup> HANSEN, p. 355,356.

### **3.0 Os ARCOS**

Na Capitania do Espírito Santo, tribos como os Goytacaz, que habitavam o sul e quase toda a costa, e os Botocudos, que habitavam o norte a partir do vale do rio Doce, serão amplamente perseguidas não só pelos padres, mas também pelos colonos portugueses ávidos por mão de obra para suas sesmarias, já que os negros da África eram um artigo ainda raro nesta parte do Brasil e sempre de grande valor, por não aceitarem as leis impostas pelos Jesuítas. Os Goytacaz, até o século XVIII estarão todos convertidos e alguns migrados para as terras da nova Capitania a se formar, a das Minas do Ouro, com o nome de Coroados. Os índios Goitacazes aldeados e convertidos na Capitania do Espírito Santo, serão então utilizados como contingente militar no combate no norte da Capitania aos que seriam considerados o mais temido e odiado gentio de toda a costa do Brasil, os Botocudos ou Aymorés - Estes estabeleceram-se na região do vale do rio

Doce, divisa com a Capitania de Porto Seguro dificultando a expansão para o norte da Capitania do Espírito Santo, bem como a descoberta da serra das Esmeraldas, tornando praticamente inabitável esta região possuidora de grandes recursos naturais e de fácil exploração devido a acessibilidade proporcionada pela facilidade de navegação no Rio Doce. Este gentio destacava-se dos demais da costa do Brasil, não somente pela selvajaria, mas também pela língua e pelo seu descomunal porte físico: de pele mais clara, corpos grandes e fortes e traços de negros, traziam sempre enfiados às orelhas e lábios botoques de madeira. Serão, apesar de antropófagos, considerados tementes a Deus. Em seus relatos Gândavo nos diz como estes contemplavam os céus prestando -lhes reverência como se soubessem ser ali a morada de Cristo. Suas táticas de ataque às fazendas e aldeias eram desconhecidas pelos portugueses, acostumados com a guerra em blocos feita na Europa e no Oriente contra os judeus e os mouros. Estes agiam sempre de forma fortuita e em vários grupos formados por poucos guerreiros, lembrando as táticas de guerras de guerrilha usadas

mais tarde, no século XX nas resistências aos governos militares. Tais táticas de combate deixavam sempre grandes prejuízos para a economia dos colonos, a segurança dos Padres e a estabilização dos interesses de Portugal na Capitania do Espírito Santo. Estes, que foram sem dúvida a maior resistência à dominação portuguesa na Capitania do Espírito Santo, terminaram por serem extintos no século XIX, quando já não era mais possível conter o avanço europeu nestas terras.

As tribos indígenas existentes hoje, e que recebem a denominação de Botocudos, sejam provavelmente descendentes destes selvagens já miscigenados com outros grupos, e não lhes deve ser atribuída esta identidade de Botocudos, pois estes foram exterminados. Tal fato pode ser comprovado pela comparação física entre ambos.

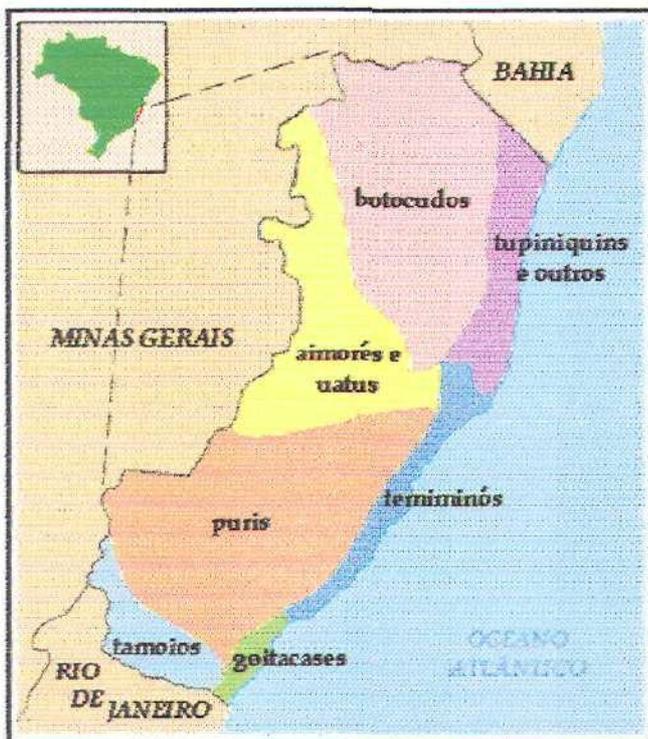


Foto de Botocudos habitantes do sul de Minas Gerais que já não praticavam o canibalismo.



Índio Botocudo desenhado pela expedição de Maurício de Nuvied.

A simples presença desta tribo nesta região teria sido o maior impasse do processo de expansão para o norte da Capitania do Espírito Santo. Ao passo que o sul da Capitania, dominado pelos *Goytacéz* convertidos, terá o maior desenvolvimento econômico de toda a Capitania <sup>11</sup>.



Mapa da divisão tribal do Espírito Santo, que é questionável devido a constante movimentação do gentio nesta região.

Grande objeto de cobiça entre os colonos, eram também os escravos domésticos. Estes geralmente eram obtidos nos aldeamentos com os padres. Eram em sua maioria mulheres de pouca idade que se rendiam com mais facilidade à conversão. As mulheres nativas recebiam por parte das senhoras lusitanas lições de prendas domésticas e bons costumes estarem sempre propícias a servi-las com todo requinte que as mesmas haviam aprendido nos convento de Portugal, onde a educação básica consistia em ensinar regras para a manutenção de um casamento.<sup>12</sup>

---

<sup>11</sup> "os diversos povos das famílias Maxacali (Kaporó, Kumanaxó, Makuni, Maxacali, Panyame), Kamakã (Kamakã e Kutaxó), Pataxó e da grande família dos Botocudos (...), conhecidos por Aymoréz, em todo período colonial, são conjuntamente responsáveis, com suas devastadoras incursões sobre as povoações costeiras pelo mais completo fracasso econômico das capitânicas de Ilhéus, Porto Seguro e Espírito Santo durante todo o período colonial". DANTAS, p. 434.

<sup>12</sup> "(...) as índias exceto as velhas renitentes, convertiam-se facilmente e transformavam-se em cooperadoras do apostolado, enquanto as senhoras portuguesas as auxiliavam na educação. Em 1562, (...) uma carta atribuída ao Pe. Fabiano de Lucena relatava ao Pe. Dr. Torres, que uma senhora da aldeia da Conceição tinha muitas moças dos índios, sob sua disciplina e as ensinava alfaiataria, fiação,

Estas índias estavam também expostas a outros tipos de atividades que não são se quer tocadas por Maria Stella de Novaes, que se atém à exaltação da influência lusitana no processo aculturador dos gentios da Capitania do Espírito Santo. Nas CONFESSÕES DA BAHIA temos relatos de tratos bem distintos dos descritos por M. S. Novaes, como podemos constatar na confissão do Cônego Jácome de Queiroz.<sup>13</sup>

Deste contato com o civilizador europeu, feito na base da imposição de uma situação de superioridade tanto divina como secular, com os nativos da costa do Brasil reduzidos a condição de animais bárbaros terá origem a primeira linhagem de brasileiros quinhentistas, filhos de estupros como os descritos pelo Cônego jácome Queiroz, ou da virtuosidade de casamentos com jovens doutrinados, como os descritos por M. S. Novaes. Os novos brasileiro receberão o nome de mamaíucos e a eles ficará a carga do trabalho que não pretendem desenvolver o nativo nem o português. A falta de identidade fez com

que este exercesse funções muitas vezes ambíguas, trabalhando ora ao lado dos portugueses, ajudando na penetração ao sertão, na defesa da Capitania, na captura de gentios, ora ao lado dos nativos advertindo-lhes quanto as ciladas pretendidas pelos portugueses e padres.

As revoltas e sublevações eram constantes nos aldeamentos logo no princípio da colonização da Capitania. Esta resistência foi a causa da mudança da vila do Espírito Santo, situada no continente, depois Vila Velha, para a nova vila fundada na ilha, a vila de Nossa Senhora da Vitória, Vitória contara

---

etc. Casavam-se essas moças com jovens doutrinados, instruídos nos bons costumes. Igualmente a esposa de Mechior de Azevedo contribuía para a educação das índias" NOVAES, M. S., p. 17.18.

<sup>13</sup> "(...) E confessando-se, disse que haverá sete anos pouco mais ou menos, uma noite nesta cidade, levou à sua casa uma moça mamaluca que então seã de idade de seis ou sete anos, que andava de noite vendendo peixe pela rua, escrava cativa de Ana Carneira, mulher do mundo, (...) a qual moça nao sabe o nome, depois de cear e se encher de vinho, cuidando que corrompia a moça pelo vaso natural, a penetrou peio vaso traseiro e nele teve penetração sem polução. e tanto que sentiu que era pelo vaso traseiro se afastou e tirou dela, e isso aconteceu uma vez por seu desatento, como dito tem. Confessou mais, que haverá também sete ou oito anos que, querendo corromper outra moça por nome de esperança, suas escrava, de idade de sete anos pouco mais ou menos no dito tempo, cuidando que a corrompia pelo vaso natural a penetrou também pelo vaso traseiro e, sentindo isso, se afastou logo sem polução, e também estava ceado e cheio de vinho(...)" VAINFAS, p. 102.103).

os índios Goytacaz. Estes mesmas revoltas foram a causa da morte de D. Jorge de Menezes e D. Simão de Casteio Branco, nobres que acompanharam Vasco Fernandes Coutinho em sua empresa colonizadora da terra conquistada na costa do Brasil, a Capitania do Espírito Santo. E perceptível também que as revoltas entre os gentios se dão em períodos geralmente de convocação à defesa da Capitania contra invasores, e de epidemias. Na defesa, estes serão postos na linha de frente ocupando sempre posições desvantajosas e vulneráveis aos inimigos de seus conquistadores, os quais passaram a ser também os seus. Muitos sucumbirão nestes combates o que causará o medo incentivador das rugas e das sublevações.<sup>14</sup>

As epidemias eram também grades causadores do descontentamento gentilico quanto a dominação. Nos textos e cartas são relatadas tais mortandades, e fica claro que os agentes propiciadores destas epidemias eram padres e colonos, que geralmente escapavam com vida, pois já haviam criado na Europa após tantas pestes e epidemias que constantemente os assolavam, a

defesa imunológica necessária para escaparem delas nas terras do Brasil Os relatos não nos mostram precisamente o número do gentio morto nas epidemias, mas mostra como o terror se espalhava entre eles, o que nos faz acreditar em enormes cifras.<sup>15</sup>

Em carta de 1565, o padre Pedro da Costa nos dá o relato de uma epidemia de bexigas que deixou um alto número de mortos e descontentes nos aldeamentos da Capitania do Espírito Santo e que foi responsável pelo início de uma das maiores sublevações de nativos dos princípios da colonização do Brasil.<sup>16</sup>

---

<sup>14</sup> Todos os índios, que podiam servir para a guerra, se postaram nos postos de maior risco, animando-os os Padres a defender valorosamente a Lei, a Pátria, a honra do nome português." LEITE. p. 139.

<sup>15</sup> "depois que assentei os mortos que se haviam finado os mezes atrás passados, que, como já saberão, foram muitos assim dos lactantes e innocentes como dos adultos, achei que neste mez de Março quis o Senhor para si oito, quatro adultos e quatro innocentes: elle lhes dê bemaventurança." Cartas avulsas, 1550-1568. p. 240.

<sup>16</sup> "O anuo passado, ao tempo que aqui chegamos, começava nesta Capitania a doença das bexigas, de que saberão já lá, e começou primeiramente na aldeia em que o Padre Diogo jacome estava e começou logo o padre a exercitar sua caridade e zelo da salvação das almas, que nele havia muito, visitando-os por suas casas e aparelhando os enfermos para o santo baísmo receberem, e os que já eram christãos, confessando-os e ajudando-os a bem morrer e enterrando-os; finalmente, sendo-lhes tudo em todas as

A partir do contato com o colonizador português e os padres da Companhia de Jesus, o número de gentio que habitava a Capitania do Espírito Santo, caiu drasticamente. Uma das principais causas desta queda no quadro da população gentílica foi a expulsão dos padres da Companhia em 1749, mas mesmo antes disso, é possível notar períodos de instabilidade destes dados. A princípio há uma espécie de corrida aos aldeamentos da Capitania do Espírito Santo por parte dos gentios de outras regiões. A aldeia de Reis Magos, que dividia com a de Reritiba o posto de maiores aldeamentos era formada por "(...), índios na maior parte descidos recentemente das selvas".<sup>17</sup> Ainda segundo Serafim Leite, "(...) em 1689, os índios da aldeia eram 764. Meio século depois em 1739, eram 2.030, população que se manteve até o fim, com ligeiras oscilações contando 2.000 quando a deixaram os jesuítas em dezembro de 1759".

suas necessidades; porque assim como esta Gentilidade andou sempre fosa do conhecimento de Deus. e da lei da caridade e amor, serva do cruel tyrano, assi são cruéis e em tempo de suas enfermidades e demais necessidades se desamparam, e isto em quaesquer enfermidades, quanto mais esta, que era tão nojosa de tão grandes fedores, que punham espanto e murtas vezes, se estava arregoando a carne de podre, que se âpareóam os ossos.

Era tão geral a doença, que por todas as casas haviam enfermos, que parecia um hospital; havia dias em que enterravam-se tres a quatro mortos, para o qual era necessário, as vezes, andar o Padre buscando quem lhes fizesse as covas, e estar com elles até lh'as acabarem, por não fugirem; porque como arriba disse, é gente que ainda aos de enfermidades limpas ten grande nojo e, com dificuldade os querem ir enterrar, nem ver enterrar, quanto mais desta tão aborrecível, e pera toda a pessoa que não tivesse muito temor e amor de Deus fugir dela." Cartas avulsas, 1550-1568. p. 484

<sup>17</sup> LEITE, p. 160.

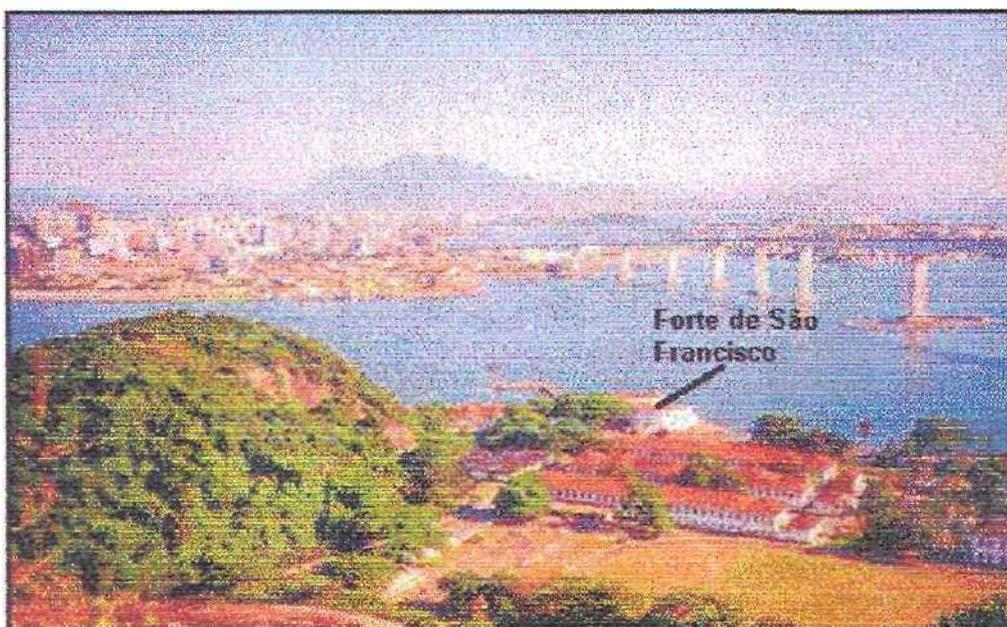
#### 4.0 Os ARCABUZES

Contando com litoral muito extenso, aproximadamente 300 quilômetros de costa, a Capitania do Espírito Santo, desenvolverá logo cedo a sua propensão de cidade portuária, servindo sobretudo como entreposto de abastecimento. Um dos fatores que mais a propiciaram esta finalidade foi o fato de estar situada entre duas das mais prósperas Capitanias do início da colonização destas terras do Brasil, que eram Rio de Janeiro e Bahia. Esta mesma facilidade de comunicação, via marítima, existente em toda a costa do Brasil, será também um importante aliado dos piratas e corsários, ingleses e holandeses, principalmente, que se arriscavam ao mar em busca de espoliar as recém criadas cidades e vilas portuguesas, ainda frágeis de fortificações e de cujos portos eram enviadas mercadorias para a metrópole e para o abastecimento das demais Capitanias. Era a baía de Vitória no século XVII, uma das mais fortificadas de toda a América Latina, o que pode vir conferir a cidade de Vitória, já no século XVI uma certa importância económica. Destacava-se como grande produtora de géneros alimentícios, como nos descreve Gândavo em seu TRATADO DA TERRA DO BRASIL.<sup>18</sup>

Para garantir a segurança da terceira mais antiga cidade e capital brasileira, serão construídas em sua baía um número de cinco fortalezas, permanecendo erguidas ainda hoje, apenas duas, a de São Francisco de Piratininga, localizada na vila do Espírito Santo, primeira vila fundada e mais tarde abandonada devido aos constantes ataques do gentio Goytacá, de extrema selvajaria, que mais tarde ficou conhecida como Vila Velha.<sup>19</sup>

<sup>18</sup> ... e quando se tomou a fortaleza do Rio de Janeiro desta mesma capitania do Espírito Santo sustentarão toda e proverão sempre de alimentos necessários enquanto estiveram na terra os que defendião." (Gândavo p. 38)

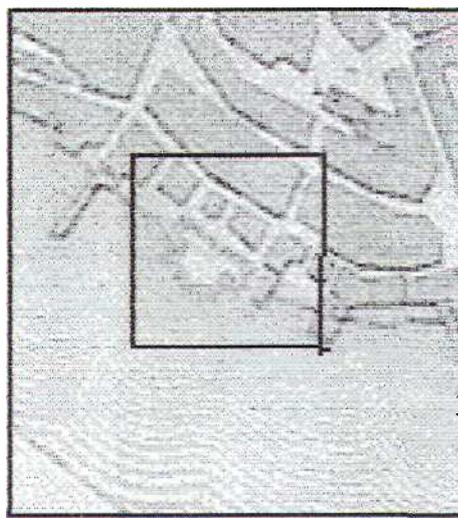
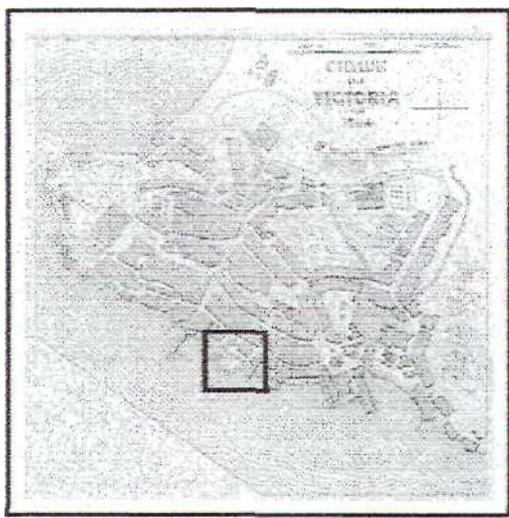
<sup>19</sup> "...a Vila do Espírito Santo, cuja barra é das melhores do Brasil, tem nela uma grande e regular fortaleza. A vila da Vitória tem as fortalezas de Nossa Senhora do Carmo, de Nossa Senhora da Vitória, de Santo Inácio, São Diogo e São João; em todas há boa artilharia, mas só a da barra, a de São João e a de Nossa Senhora do Carmo tem Guarnição." (Rocha Pitta, p. 63)



Forte de São Francisco de Piratininga, localizado atualmente no município de Vila Velha, antiga vila do Espírito Santo. Abriga hoje em suas dependências o 38º batalhão de Infantaria do Exército Brasileiro. É o forte mais antigo da capitania.

É evidente que a fortificação da Capitania não teve como único objetivo a defesa apenas da capitai ou de suas adjacências. Estas fortificações foram construídas antes de tudo, com o intuito de proteger as Minas que tomaram-se então ia partir do século XVIII, a grande preocupação da Coroa Portuguesa, fortificar o Espírito Santo significava também fortificar as Minas. Tal fato podemos observar nas datas de construção dos fortes. A maior parte deles, seja por motivos económicos, escassez de mão de obra, incapacidade administrativa, foram construídos no período em que a Capitania se toma Real, a partir de 1718, o que lhe confere o status de pertencer ao Rei, mas também a renege ao esquecimento. Para impedir o avanço ao sertão, são criados em seus rios navegáveis destacamentos militares, que tinham como funções principais a defesa contra os invasores e os gentios.

Temendo os constantes ataques destes gentios, é feita a mudança da vila para a ilha que ficava localizada na baía do Espírito Santo e que fica conhecida pelo nome de ilha de Nossa Senhora da Vitória, vitória esta que seria contra o gentio Goytacá. Mas se esqueceram os colonos portugueses que esta tão falada vitória contra estes gentios de extrema selvajaria, se dá após uma fuga dos mesmos em que os colonos são obrigados a deixarem até mesmo o poderia haver então de mais precioso dentro de sua estabilização nesta Capitania e nestas terras do Novo Mundo, a primeira vila fundada, o que soa não como uma vitória mas como uma vergonhosa derrota e mais, uma covarde fuga. Para garantir sua segurança nesta nova vila localizada agora na ilha e contando com a barreira natural formada pelo rio



Espírito Santo e pelo oceano Atlântico, os portugueses mandaram que fosse construído o Forte de São João.

Localização do Forte de São João em 1764.

Detalhe do Forte de São João, 1764.

Serafim Leite, cita ainda a fortaleza, a de Santo Inácio que estaria localizada no Colégio dos jesuítas, no atual Palácio Anchieta, sede do governo ainda hoje e o forte de São Francisco Xavier, na entrada da barra.<sup>20</sup>

São mencionadas ainda no CATÁLOGO DE DOCUMENTOS MANUSCRITOS AVULSOS DA CAPITANIA DO ESPÍRITO SANTO (1585-1822), a existência de várias outras fortalezas, que podem simplesmente terem mudado de nome, ou simplesmente não terem sido concluídas

---

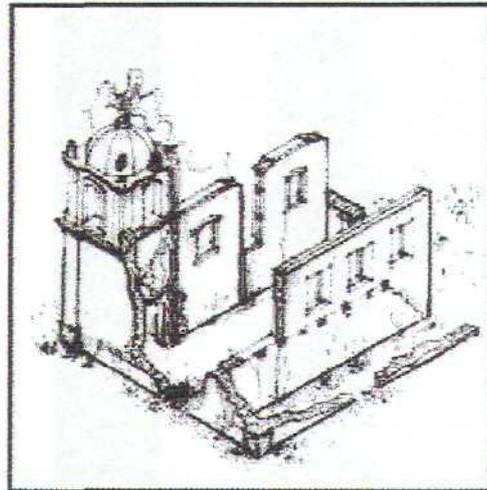
<sup>20</sup> ...carta de Dom Rodrigo da Costa, 15 de dezembro de 1703, ao capitão-mor da capitania do Espírito Santo, Francisco Ribeiro, comunicando-lhe que escrevera ao Reitor da Companhia do Colégio, para que este ordenasse aos superiores das aldeias dos Rei Magos e Reritiba que dessem índios necessários para construção de fortaleza na Vila de Vitória. Uma das fortalezas ficava dentro da cerca dos jesuítas e ainda existia em 1879 com o nome de forte de Santo Inácio ou de São Maurício. (Serafim Leste D. 144)<sup>D</sup> Certidão da Câmara da Vila da Vitória sobre os feitos realizados pelo donatário da Capitania do Espírito

suas obras. O catálogo ainda pode informar das diversas solicitações de insumos para a defesa desta Vila e também da contratação do Capitão engenheiro Nicolau de Abreu de Carvalho, vindo da Capitania da Bahia, com o fim de construir novas fortalezas e reparar os danos causados as antigas. Ainda há menção a construção de uma fortaleza fora da barra da Vila da Vitória, no aldeamento de Nossa Senhora da Conceição de Guarapari segundo certidão de 07 de agosto de 1682.<sup>21</sup>



Vista do Palácio Anchieta, Antigo Colégio de Santiago e forte de São Maurício. Sua arquitetura foi completamente alterada.

Croqui da antiga igreja de São Tiago e colégio dos Jesuítas na ilha da Vitória onde também funcionava o forte de São Maurício. Hoje, completamente descaracterizado da forma original, abriga o palácio Anchieta, sede do Governo do Espírito Santo.



Outras importantes informações são encontradas em cartas jesuíticas. Anchieta, faia no ano de 1591, mesmo em que se instaura a inquisição no Brasil, em uma carta sua enviada da Bahia ao capitão-mor da Capitania do Espírito Santo, Miguel de Azeredo, sobre a

---

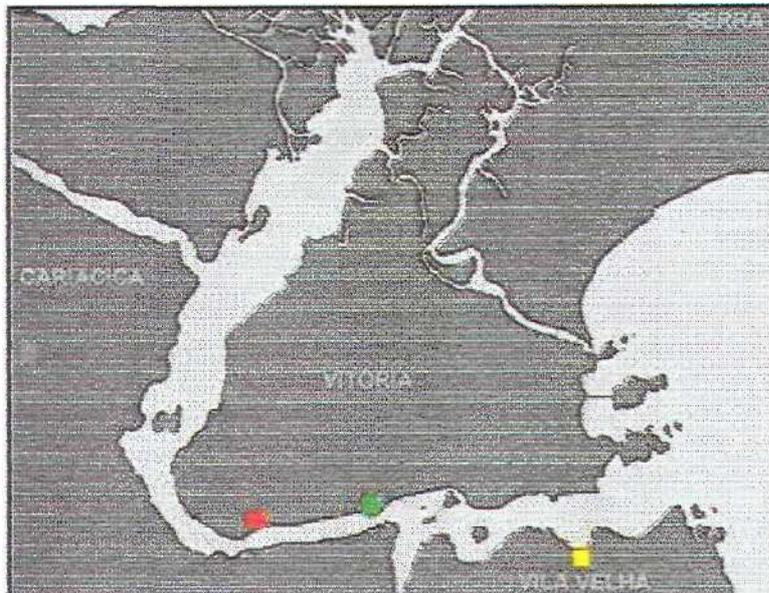
Santo, Francisco Gil de Araújo em favor das fortificações e defesa na Vila da Vitória e em Nossa Senhora da Conceição de Guarapari, onde se erigiu pelourinho, casa de câmara, cadeia igreja, além das jornadas em busca de esmeraldas. (Catálogo de Documentos Manuscritos Avulsos da Capitania do Espírito Santo (1585--1822) p. 29)

<sup>21</sup> Certidão da Câmara da Vila da Vitória sobre os feitos realizados pelo donatário da Capitania do Espírito Santo, Francisco Gil de Araújo em favor das fortificações e defesa na Vila da Vitória e em Nossa Senhora da Conceição de Guarapari, onde se erigiu pelourinho, casa de câmara, cadeia e igreja, além das jornadas em busca de esmeraldas. (Catálogo de Documentos Manuscritos Avulsos da Capitania do Espírito Santo (1585-1822) p. 29).

possibilidade de um ataque inglês a Vila da Vitória, sendo que Santos acabara de ser atacada por estes corsários<sup>22</sup>.

Há também menções aos ataques holandeses, que se darão com maior ênfase no século XVI, sendo relatados dois, um em 1625 sob o comando do almirante flamengo Piet Heyn que encontrou dura resistência por parte dos moradores da Vila da Vitória e da Vila Velha, que auxiliados pelos índios aldeados pelos padres da Companhia de Jesus expulsaram os invasores.

O segundo, no ano de 1640, sob o comando do coronel Koin que contava com nove naus e oitocentos homens, que também foram batidos pelos moradores das vilas e pelos índios aldeados<sup>23</sup>.



No mapa ao lado podemos identificar três das fortalezas que ainda existem na baía de Vitória. Em vermelho o forte de São Maurício, atual Palácio Anchieta, sede do Governo do Espírito Santo. Em verde forte de São João, que abrigou durante anos o Clube de Regatas Saldanha da Gama, atualmente funciona em suas dependências a Secretaria Estadual de Cultura. Em amarelo Forte de São Francisco de Piratininga, atual 38º Batalhão de Infantaria do Exército Brasileiro.

Além das fortificações foram construídos também ao longo da costa da Capitania uma série de outras edificações com fins diversos, afinal nem só de resistência aos gentios, defesa contra os invasores e catequização vivia esta região. Poucos são os registros que podemos encontrar sobre estas construções. De algumas poucas, ainda sobram ruínas, como é caso do rio

---

<sup>22</sup> Temos negociadas duas provisões, Uma, que não vão ao sertão sem primeiro VV.EE. Fazerem aqui saber, a qual ele passou de boa vontade e com zelo de não se deixar a terra em tempo que se esperam ingleses. (Anchieta p. 291).

Salinas. Este afluente navegável do rio Benevente, que banha Anchieta, antiga Reritiba, tem em suas margens um ainda pouco conhecido conjunto arquitetônico composto por uma série de pilastras, num total de 32, sendo que algumas foram derrubadas. Estas pilastras se dispõem em prédio de 02 blocos, com um telhado, já inexistente, mas que era evidente se tratar de uma caída de duas águas. Sua autoria é atribuída pela população local como jesuítica, fato este que pode ser considerado pela forte presença da Companhia de Jesus nesta localidade, principalmente no período em que teve como responsável por esta casa o Padre José de Anchieta, pelo pouco

registro histórico que há nas pequenas cidades do Brasil, sejam elas históricas ou não, o que leva suas populações a reproduzirem em seu presente um passado mais conveniente com suas necessidades.

Construídas provavelmente no século XVII, este local pode ter tido diversas utilidades ao longo da História desta Capitania. Sua arquitetura e localização as margens de um rio navegável, pode levar também ao levantamento da hipótese de ter sido ali um engenho de açúcar. Mas é fato a sua utilização como escola em finais do século XIX, como podemos



Ruínas do Rio Salinas – Anchieta/ES

---

<sup>23</sup> Serafim Leite p. 138-139.

comprovar pela carta datada de 12 de janeiro de 1880 onde o suplente de vereador Alexandrino José Rodrigues Brandão, pede dispensa de multas por falta às reuniões da Câmara, por ter sido nomeado professor da Escola Pública Primária de Porto da Salina. Em trabalhos de campo realizados neste sítio, foi encontrada uma moeda de cobre, trata-se de 20 réis datada de 1820, que foi doada a Casa da Cultura de Anchieta e que pode nos trazer indícios de atividades comerciais neste local no início do século XIX. É sustentada por pesquisadores da UFES (Universidade Federal do Espírito Santo) ter senado este

local como salina clandestina pertencente aos jesuítas. Ora, estes mesmos possuíam o monopólio do sal o que pode vir a inviabilizar a hipótese defendida, baseada na grande presença de sal encontrada em seu terreno. Várias propriedades que se encontravam as margens de rios navegáveis foram abandonadas devido ao constante ataque do gentio Botocudo e de outros tapuias que habitavam esta região.<sup>24</sup> Ora, se notarmos pelo mapa tribal indicado no capítulo Os Arcos, perceberemos que não havia botocudos nesta região, por isso o questionamento a este mapa. Estes mais uma vez migraram, mas agora dentro do território da Capitania. Um dos motivos deste novo movimento migratório pode ter sido a exploração do vale do rio Doce em busca de pedras e metais preciosos e as notícias dos aldeamentos do sul da Capitania. Cabe ressaltar também que o relato da presença de botocudos no sul da Capitania é de princípios do século XIX.

---

<sup>24</sup> "O que atrasa o progresso da apicultura é o medo aos Botocados, que há 25 ou 30 anos (escrito em 1818) vem causando danos no território deste distrito. Esses índios fizeram com que fossem abandonadas as margens de mais de um dos afluentes do rio Benevente e por causa deles, não é possível afastar-se muito do litoral. SAINT-HILAIRE, (p. 33).

## CONCLUSÃO

O projeto colonzador português na Capitania do Espírito Santo esbarrou em uma série de obstáculos não previstos pelos donatários e seus ambiciosos sonhos de fortuna. A falta de preparo dos colonos portugueses, grande parte deles exilados, cumprindo aqui suas penas de degredo fez com que estes, que acabaram por ser mais vassalos que colonizadores, querendo projetar aqui o sonho de uma Europa da qual estavam excluídos,

fossem incapazes de realizar nesta Capitania os mesmos feitos que em outras donatárias se deram com êxito. Não conseguindo superar suas ambições, logo estes colonos se viram entregues ao domínio dos padres da Companhia de Jesus que, ao contrário dos colonizadores, estabeleceram um total domínio da produção de alimentos para o abastecimento da capitania e para o comércio. Estes sim, souberam aproveitar a fertilidade do solo e a benevolência do clima para estabelecerem grandes fazendas e aldeamentos, onde tinham ao seu dispor, além da terra, o bem mais cobiçado que podia haver em toda a terra do Brasil, a mão de obra. Esta mão de obra era adquirida nos próprios aldeamentos, para onde refugiavam os gentios da terra, temendo a escravização imposta pelos colonos portugueses e as guerras tribais que se acentuaram nestes tempos de conquista da terra..

Os jesuítas, que vieram ao Brasil com a missão de, além de dilatar a fé de Cristo, dilatar o Império português, passaram, dois séculos depois, a ser um dos grandes problemas para a corte lusitana, com quem vinham disputando com larga vantagem a dominação económica das novas terras, O sucesso dos padres da Companhia de Jesus na capitania do Espírito Santo é a marca do fracasso português no principio da dominação das terras do Brasil, e possivelmente, o início dos atritos com a corte.

É senso comum que mesmo nos aldeamentos, os nativos estavam expostos a trabalhos duros e subumanos, mas nada comparado a escravização imposta pelos colonos.

Tal diferença

se deu pelo fato de a Igreja em 1537, declarar que os nativos da América tinham alma e que não deviam receber o mesmo tratamento que o concedido aos negros da África - a escravização e os açoites, e pelos grandes debates que surgiram na Espanha sobre o direito dos povos conquistados. Grande violência porém, foi a proporcionada pelo processo mental de perda da memória e da identidade, que levou várias tribos a total aculturação e extermínio. A promessa de liberdade e paz dos padres aos nativos, vinham entremeadas de condições, que eram aceitas pelos nativos por sua ignorância e pela força

do conquistador. Os gentios convertidos passavam a ser inimigos dos inimigos, tanto dos padres como dos colonos, sendo usados muitas vezes no combate contra gentios mais hostis, chamados Tapuias.

Nota-se que o princípio da dominação portuguesa na capitania do Espírito Santo só se deu de fato após a expulsão dos padres da Companhia de Jesus quando "(...) de batina e capa, levando ao peito o crucifixo dos seus votos, entraram no pequeno navio e deixaram o Colégio e a Vila de Vitória, a caminho do Rio e do exílio."<sup>25</sup> Até então, nos tempos de dominação jesuítica acontecia na Capitania, um processo inverso ao pretendido por Portugal. Estes tempos foram marcados pelo constante abandono da terra pelos colonos portugueses, que não encontraram recursos suficientes para o sucesso de sua empresa, havendo assim um processo de descolonização. Ao passo que estes deixavam a terra, várias tribos corriam para estas em busca da proteção dos padres.

Com a compra da Capitania pela coroa em 1718, esta passou por várias modificações políticas, geográficas e arquitetônicas. A baía de Vitória foi amplamente fortificada e toda a Capitania passou a exercer a função de "capitania defensiva" das recém descobertas minas de ouro e diamantes, o que caracteriza Vitória no século XVIII, como uma das cidades mais seguras contra ataque e invasões de piratas. Das fortalezas que eram, segundo Marques num

---

<sup>25</sup> LEITE, p. 142.

numero de 05, somente duas ainda permanecem erguidas hoje, lembrando as grandes batalhas pela dominação da terra, mas nenhuma delas é tombada pelo IPHAN, nem sequer constam em catálogos de fortes e fortalezas do Brasil. Igual descaso existe com quase toda a História do Espírito Santo até o século XIX, quando se dá início a seu novo

processo colonizador, propiciado agora pela vinda de colonos de várias regiões da Europa, sendo de maior destaque as presenças italiana, alemã e pomerana.

## **5.0 ANEXOS**

### **ANEXO 01**

**CARTA RÉGIA DE 01 DE JANEIRO DE 1534 NA QUAL É FEITA DOAÇÃO DE CAPITANIA NO BRASIL A VASCO FERNANDES COUTINHO.**

Hei por bem e me apraz de lhe fazer como de feito por esta presente carta faço, mercê e irrevogável doação entre vivos, valedoura deste dia para todo o sempre, de juro e de herdade para ele e todos os seus filhos, netos, herdeiros e sucessores que após ele vierem, assim descendentes, como transversais e colaterais, segundo adiante irá declarado, de cinquenta léguas de terra na dita costa do Brasil, as quais se começarão na parte em que se acharem as cinquenta léguas de que tenho feito mercê a Pero Campos Tourinho e correrão para a banda do sul, quanto couber nas ditas cinquenta léguas, que assim faço mercê ao dito Vasco Fernandes, as quais cinquenta léguas se estenderão e serão de largo ao longo da costa e entrarão na mesma largura pelo sertão a dentro, tanto quanto puderem entrar a for de minha conquista.

## **ANEXO 02**

**CARTA DO VEREADOR ALEXANDRINO JOSÉ RODRIGUES BRANDÃO, DA COMARCA DE BENEVENTE DO ANO DE 1880, À CAMARÁ MUNICIPAL.**

Ilustríssimo Senhor,,

Comunico a Vossas Senhorias que em carta de 1º de setembro, comuniquei a esta  
Ilustríssima  
Comarca, por isso deixei de comparecer como na qualidade de suplente de vereador, por  
Ter  
sido nomeado professor efetivo da escola pública primária de Porto da Salina, em data de  
19  
do mês de julho próximo findo; agora venho fazer por meio desta a fim de que me  
seja  
dispensada as multas que pelas faltas tenho sido impostas.  
Assim aproveito a ocasião para testemunhar a Vossas Senhorias o meu voto de  
confiança e  
agradecimento.

Deus guarde Vossas

Senhorias. Benevente, 12 de

janeiro de 1880

Ilustríssimo Senhor Presidente e demais vereadores da Câmara Municipal de Benevente.

Alexandrino José Rodrigues Brandão.

FOTOCÓPIA DA CARTA DO VEREADOR ALEXANDRINO JOSÉ RODRIGUES DOS SANTOS

Off. João

Comunicamos a V. Mage. que em data de 1.<sup>o</sup> de Setembro, communicou a esta V. Mage. Camara, por isso deixei de comparecer como na qualidade de Supplente de Vereador, por ter sido nomeado professor effectivo da escola publica de jurisprudencia do Porto da Salina, em data de 19 do mez de Julho proximo findo; agora o mesmo cargo, por ser de este a fim de que me seja dispensado as multas que pelas faltas, temho sido impostas.

Assim approvando a omissão para testeminar a V. Mage. o meu voto de confiança e agradecimento.

Deo. Guarde a V. Mage.

Removendo 12 de Janeiro de 1880

Off. João Presidente e mais Vereadores  
da Camara Municipal de Honra

O Vereador  
Alexandrina José Rodrigues Branco

## 5.0 ANEXOS

### ANEXO 01

CARTA RÉGIA DE 01 DE JANEIRO DE 1534 NA QUAL É FEITA DOAÇÃO DE CAPITANIA NO BRASIL A VASCO FERNANDES COUTINHO.

Hei por bem e me apraz de lhe fazer como de feito por esta presente carta faço, mercê e irrevogável doação entre vivos, valedoura deste dia para todo o sempre, de juro e de herdade para ele e todos os seus filhos, netos, herdeiros e sucessores que após ele vierem, assim descendentes, como transversais e colaterais, segundo adiante irá declarado, de cinquenta léguas de terra na dita costa do Brasil, as quais se começarão na parte em que se acharem as cinquenta léguas de que tenho feito mercê a Pêro Campos Tourinho e correrão para a banda do sul, quanto couber nas ditas cinquenta léguas, que assim faço mercê ao dito Vasco Fernandes, as quais cinquenta léguas se estenderão e serão de largo ao longo da costa e entrarão na mesma largura pelo sertão a dentro, tanto quanto puderem entrar a for de minha conquista.

**ANEXO 02**

**CARTA DO VEREADOR ALEXANDRINO JOSÉ RODRIGUES BRANDÃO, DA COMARCA DE BENEVENTE DO ANO DE 1880, À CAMARA MUNICIPAL.**

Ilustríssimo Senhor,

Comunico a Vossas Senhorias que em carta de 1º de setembro, comuniquei a esta

Ilustríssima

Comarca, por isso deixei de comparecer como na qualidade de suplente de vereador,

por Ter

sido nomeado professor efetivo da escola pública primária de Porto da Salina, em data

de 19

do mês de julho próximo findo; agora venho fazer por meio desta a fim de que

me seja

dispensada as multas que pelas faltas tenho sido impostas.

Assim aproveito a ocasião para testemunhar a Vossas Senhorias o meu voto de

confiança e

agradecimento.

Deus guarde Vossas

Senhorias. Benevente., 12

de janeiro de 1880

Ilustríssimo Senhor Presidente e demais vereadores da Câmara Municipal de Benevente.

Alexandrino José Rodrigues Brandão.

V. J. S.

Comunico a V. Exa. que em data de 1.º de Setembro, communiquei a esta V. Exa. Comarca por isso deixei de comparecer como na qualidade de Supplente de Vereador, por ter sido nomeado professor effectivo da escola publico-freitasiana do Funchal da Palma, em data de 17 do mez de Junho proximo findo; e agora o v. m. he fazer por mim deiti a fim de que me seja dispensado as multas que pelas faltas tenho sido imputadas.

Assim expozendo a obediencia para testemunhar a V. Exa. o meu voto de confianca e agradecimento.

D. C. Guarde a V. Exa.  
Removente 12 de Janeiro de 1890

V. Exa. Sr. Presidente e mais Vereadores  
da Camara Municipal de Honra

O Vereador  
Alexandrino José Rodrigues dos Santos

**ANEXO 03**

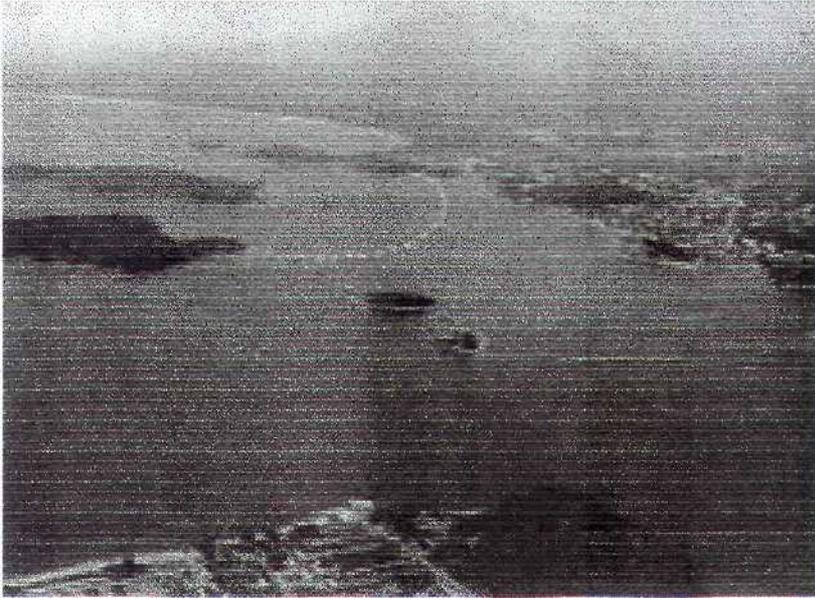
**FOTO AÉREA ONDE DA BAIJA DE VITÓRIA ONDE PODE SEER OBSERVADO EM DESTAQUE O FORTE DE SÃO JOÃO.**

**f**



**ANEXO 04**

**FOTO DA BAIJA DE VITÓRIA VISTA DO MORRO DO CONVENTO DE NOSSA SENHORA DA PENHA/VILA VELHA, LOGO ABAIXO ESTÁ SITUADO O FORTE DE SÃO FRANCISCO DE PIRATININGA.**



**FOTO DO CONVENTO DE NOSSA SENHORA DA PENHA/VILA VELHA.**



**BIBLIOGRAFIA:**

AMARAL, Braz do. **Bahia - Espírito Santo, limites entre dois Estados**. IN. Revista do Instituto Histórico e Geográfico da Bahia, vol II, 1905.

ANCHIETA, José de - **Cartas: informações, fragmentos histórico e sermões**. São Paulo: editora da Universidade de São Paulo, 1988.

ANDRADE, Darcy Bessone de Oliveira, OLIVEIRA, António Gonçalves de . **A questão de limite com o estado do Espírito Santo (ao norte do rio Doce)** . volume III, Belo Horizonte, Imprensa Oficial, 1958.

AZEREDO COUTINHO, José Joaquim da Cunha de. **Concordância das leis de Portugal e das Bulas Pontifícias das quais umas permitem a escravidão dos pretos da África e outras proíbem a escravidão dos índios do Brasil**. introdução de José Ivan Calou Filho, Arquivo Nacional, Rio de Janeiro, Ministério da Justiça, 1988.

CARRARA, Angelo Alves. **O Sertão no Espaço Econômico da Mineração**. IN: Revista de História, LPH, nº6,1996, Ouro Preto, Universidade Federal de Ouro Preto.

**Catálogo de documentos manuscritos avulsos da Capitania do Espírito Santo: 1585-1822**. Organização: João Eurípedes Franklin Leal. —Vitória, Arquivo Público Estadual, 1998.

**Cartas avulsas, 1550-1568**. Azpilcueta Navarro e outros. Belo Horizonte, Itatiaia, 1988.

C. CINTRA E RIVIERE . **Mapa da Província do Espírito Santo**. 1878.

Confissões da Bahia: **Santo Ofício da Inquisição de Lisboa**. Org. VAINFAS, Ronaldo, São Paulo, Companhia das Letras, 1997.

EGLER, Walter Alberto . **A Zona Pioneira do Norte do Rio Doce** . In.: Revista Brasileira de Geografia, nº 05,1951.

**Enciclopédia dos Municípios Brasileiros** . organização Jurandir Pires Ferreira. Brasília, Oficinas do serviço gráfico do IBGE, 1959.

FRANCO, Francisco de Assis Carvalho . **Dicionário de Bandeirantes e Sertanistas do Brasil: Séculos XVI, XVII e XVIII**. São Paulo, Editora da Universidade de São Paulo, 1989.

GANDAVO, Pêro de Magalhães. **Tratado da terra do Brasil/Histórias da província de Santa Cruz**. São Paulo, Editora da Universidade de São Paulo, 1980.

HANSEN, João Adolfo. **A servidão natural do selvagem e a guerra justa contra o**

- bárbaro.** IN: A descoberta do homem e do mundo. Org. Adauto Novaes, São Paulo, Companhia das Letras, 1998.
- JABOATÃO, António de santa Maria . **O Novo Orbe Seráfico Brasílico ou Crónica dos Frades Menores da Província do Brasil.** Rio de Janeiro, Typografia Brasiliense de Maxímiliano Gomes Ribeiro, 1858.
- LEITE, Serafim. **História da Companhia de Jesus no Brasil.** Tomo VI, Belo Horizonte, Itatiaia, 1945.
- MAGALHÃES, Basílio de. **Expansão Geográfica do Brasil Colonial.** 4º edição, São Paulo, Brasiliense, 1978.
- NOVAES, Maria Stella de, **A mulher na História do Espírito Santo.** Vitória, EDUFES, Instituto Histórico e Geográfico do Espírito Santo, Secretaria Municipal de Cultura, 1999.
- OLIVEIRA, José Teixeira . **História do Espírito Santo.** Rio de Janeiro, 1951.
- PERES, Damião. **História dos descobrimentos portugueses.** 3º edição, Porto, Vertente, 1983.
- RIO BRANCO, José Maria da Silva . **Efemérides Brasileiras.** Rio de Janeiro, Imprensa Nacional, 1938.
- SAINT-HILAIRE, August. **Viagem ao Espírito Santo e rio Doce .** Tradução de Milton Amado, Belo Horizonte.
- VASCONCELOS, Ignácio Accioli de . **Memória estatística da Província do Espírito Santo escrita no ano de 1828 .** transcrição: Fernando Achiamé . Vitória, Arquivo Público Estadual, 1978.